



MULHERES NEGRAS JOVENS ESTUDANTES NO ENSINO TÉCNICO DA BAIXADA FLUMINENSE:

narrativas que constroem histórias e memórias

Roberta Renoir Santos Fumero

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- UFRRJ

robertarenoirfumero1973@gmail

Adriana Alves Fernandes da Costa

Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRRJ

profa.adriana@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho aqui apresentado teve como objetivo principal conhecer as narrativas de constituição de identidades contadas por mulheres negras, jovens estudantes do Ensino Médio Técnico da FAETEC, no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Os procedimentos metodológicos aplicados foram: análise documental para identificação do perfil das estudantes; encontros virtuais com debates em torno do tema da pesquisa, tendo o portfólio reflexivo como instrumento de registro e de formação. Os critérios de seleção das participantes se configuraram através da indicação de professores e professoras que conheciam as potenciais participantes, bem como a disposição destas em participar das reuniões. Os dados foram abordados por intermédio do Paradigma Indiciário de Análise. Os resultados do estudo demonstraram que a construção identitária é processual, plural e singular. Também indicaram importante constituição cultural, construída pelo território e pela história do grupo social o qual as participantes da investigação estão inseridas.

Palavras chaves

Mulheres Negras, Jovens Estudantes, Baixada Fluminense, Ensino Técnico, Narrativas

Justificativa

O presente trabalho trás a dissertação de mestrado em Educação, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – PPGEA, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O tema da investigação está voltado à constituição das identidades das mulheres negras jovens estudantes que frequentam o Ensino Técnico, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. O interesse por essa temática está diretamente relacionado à formação da

pesquisadora: mulher, negra, professora da Baixada Fluminense. Essa sou eu! Trago comigo um perfil plural que remete a uma série de demandas e lutas cotidianas as quais estão inseridas nesse lugar social.

É dentro desse contexto emerge o seguinte problema de pesquisa: quais são as narrativas de constituição de identidades das mulheres negras jovens estudantes do Ensino Médio Técnico, na Baixada Fluminense? Diante disso, o nosso objetivo geral se centrava em conhecer as narrativas contadas por tais mulheres. Os objetivos específicos são: identificar, descrever e analisar as histórias contadas pelas discentes das turmas dos cursos de Qualidade, Logística e Segurança do trabalho e conhecer os diversos elementos (sociais, culturais, estéticos, educacionais, econômicos) que formam os perfis femininos do público já mencionado.

Metodologia

A metodologia deste estudo é de cunho predominantemente qualitativo, pois o trabalho envolve as verbalizações das mulheres a partir do pressuposto destas como construtoras de História e Memórias. Os procedimentos metodológicos estão organizados em três seções, a saber: na primeira, a partir da identificação do perfil prevalente do público-alvo, será selecionada uma amostra por conveniência composta por 3 integrantes. Essa amostra formará um grupo focal, sendo que o seu critério para seleção estará vinculado à auto-declaração de ser mulher e negra. Além disso, as integrantes deverão demonstrar interesse na produção da escrita de textos narrativos que irão compor o portfólio reflexivo.

Procedimentos metodológicos

Foram cinco reuniões audiogravadas e transcritas, com duração de duas horas, no máximo. Em tais encontros foram abordados temas que envolveram os objetivos da investigação, com cunho autobiográfico: as escritas serão produzidas e analisadas pelas participantes, em um portfólio reflexivo individual e coletivo. Como critério de recorte de narrativas serão trabalhadas com as mônadas (BENJAMIN, 1988) capturadas no portfólio reflexivo (SÁ-CHAVES, 2005) coletivo, os dados foram abordados por intermédio do Paradigma Indiciário de Análise. Para a tessitura do referencial teórico do estudo três frentes de diálogos temáticos foram organizadas. Na primeira parte será discutido o conceito de identidades de mulheres negras, com foco em Hall (2006) e Freitas (2006), que subsidiam a

conceituação de identidade. Já com hooks (2017), Ribeiro (2019a, 2019b) e Collins (2016), será tratada a dimensão mais específica da identidade no interior do contexto feminino negro. E, por último, a fim de abordar o tema das narrativas e portfólios reflexivos, serão utilizados Benjamin (1988b) e Sá-Chaves (2005), respectivamente. Face ao exposto, a partir de Hall (2006) e Freitas (2006), a identidade é colocada com o algo em construção, mutável, que se estabelece e se desenvolve segundo as interações traçadas com o meio social. Esse conceito dialoga com o entendimento sobre a formação das identidades das mulheres negras, apontada por hooks (2006) e Ribeiro (2019a, 2019b). Em suas obras, os autores trazem uma visão de inserção e de pertencimento a um grupo, refletindo essa temática através do debate e do lugar de fala onde se encontram as mulheres negras jovens estudantes. A aproximação dessa idéia está relacionada aos objetivos deste trabalho, que é conhecer as narrativas do grupo participante da pesquisa e, nesse processo, interpretar quem “fala”, analisar a pluralidade de motivações para tal “fala” e entender como essa fala se relaciona com as formas de existir no mundo. Em Benjamin (1988b), há um debate sobre o que seria as narrativas e o movimento de captura de fragmentos de quem somos e como nos constituímos, através de histórias. Nessa perspectiva, as escritas contidas nos portfólios reflexivos se tornaram elementos de análise dos seguintes aspectos: registro e reflexão sobre a própria vivência e sobre o seu contexto social. Sá-Chaves (2005) apresenta discussões sobre os processos formativos, os quais possibilitam pensar, sobre formas de reinvenção, os registros das palavras e contra palavras que nos fazem ser quem somos.

Análise dos resultados

Sendo assim, depois da organização dos dados obtidos por cada instrumento utilizado na investigação, tanto nas transcrições dos encontros, quanto no registro dos portfólios, marcava-se de diferentes cores cada fala conectada com a questão identitária de negritude. Posteriormente, categorizou-se os dados seguindo os critérios do Paradigma Indiciário trazendo algumas preposições.

Analisar os resultados é conhecer informações coletadas e interligá-lo com a teoria apresentada anteriormente. Nesse sentido, verificar que pontos se convergem, e os que se afastam, possibilitando assim confirmar hipóteses, ou mesmo perceber o quanto não se aplicam àquele objeto, ou seja, é um movimento de busca de respostas para o questionamento lançado pela pesquisa.

Tendo tais abordagens como direcionadores temos a seguinte análise.

Quadro de análise – Frequência das Categorias

FREQUÊNCIA DAS CATEGORIAS				
Categorias	Rodas de conversa	Portfólios	Fotos	Observações
Família identidade	Muito frequente	Muito frequente	Muito frequente	Aparece com um grau de extrema relevância em todos os instrumentos de coleta de dados. As fotografias tiradas foram com relacionadas com familiares ou com esse grau de intimidade.
Pertencimento ao grupo/ identidade	Frequente		Muito frequente	
Autoestima	Frequente	Frequente	Frequente	
Racismo	Muito frequente	Muito frequente	Muito frequente	Tema nuclear dentro da formação identitária das participantes.
Música, dança como expressão cultural	Frequente	Frequente		
Negritude e feminina	Muito frequente	Muito frequente	Muito frequente	As referências construídas pelas participantes são femininas.
Juventude e negritude	Frequente	Frequente		
Negritude e superação	Frequente		Muito frequente	
Reflexões, mudanças e negritude	Muito frequente	Muito frequente		Como a participação na pesquisa propicia todo o processo de reflexão e mudanças.

Um primeiro ponto importante levantado logo no primeiro encontro, é que as famílias das participantes são bastante miscigenadas, ou seja, são grupos formados pela mistura de raças, de povos e de diferentes etnias. Sendo assim, as características físicas e culturais são uma mescla desse processo. No Brasil, tal elemento é parte do nosso contexto histórico, da formação do nosso povo. Contudo, é fato que esse elemento permanece como ponto importante de questionamentos relacionados à aceitação do próprio sujeito e pertencimento a um determinado grupo. Isso é marcante, tanto que na apresentação as participantes se centram nessa situação. Tais elementos se aproximam de Santos (1999) e Hall (2006), pois tais autores discutem identidade como algo em construção, ou seja, não tem elementos finalizados. A identificação acontece por diversos processos, estabelecendo os conceitos de integração e demarcação social. A identidade negra num contexto familiar como o mencionado, frequentemente é cercada de dúvidas, dificuldades de aceitação e por consequência existe uma maior complexidade para análise das problemáticas que envolvem o

grupo. Entender quem você é, sua real identidade possibilita dimensionar de melhor suas lutas.

Um desafio enorme para a discussão sobre negritude, atualmente perpassa por quem pode se autodeclarar negro (a)? Que características me definem negro (a), as físicas, as históricas, as sociais? Essas são definições complexas, que tomam novas dimensões dentro das pautas recentes de debate sobre a garantia dos direitos da população negra. Existe a necessidade de um olhar criterioso, atento e consciente no intuito de que as discussões e a estruturação de ações compreendam e atendam essa diversidade.

As identidades sofrem transformações. As falas das participantes sobre o processo de transição capilar, por exemplo, nos aproximam de conceitos levantados por Freitas (2006) que coloca as identidades como processos de rupturas e superações por conta do meio, o recorte temporal dado, a localidade escolhida, os quais contribuem para algumas especificidades. Entendo que é importante conhecer as características sócio-históricas e culturais do grupo ao qual pertencemos. Quais identidades constituem os grupos aos quais nos constituímos? As identidades se tecem em múltiplas facetas que compõem o sujeito e o grupo, que permitem ressignificações do lugar social compreendido e assumido.

As participantes se mostram conscientes das principais demandas da população negra no país, de como a estrutura social organizada atualmente se mantém como instrumento de opressão e manutenção de desigualdades. Uma das categorias que emergem nos discursos é o racismo, vértice importante nessa formação identitária, visto que ele direciona questões de reconhecimento de si, segmentação de oportunidades e ainda delimitação de espaços que podem ser ocupados, ou seja, nós negros e negras temos que provar frequentemente nossa capacidade; lutar pelos nossos direitos é uma ação que se impõe como regra, pois fomentar um ambiente que respeite a todos e todas é princípio fundamental para quem almeja uma sociedade melhor. Esses são princípios sustentados por Ribeiro (2019a), Ribeiro (2019b) por exemplo, que tem se reconfigurado nos eixos sociais atuais.

Concluindo o processo de análise, um ponto pertinente é que todas as participantes vieram do ensino privado, e pontuam claramente um sentimento de não pertencimento e às vezes de inadequação para aquele ambiente. Com a entrada no ensino público os laços parecem se estreitar, as questões de aceitação e conscientização são potencializadas pelos conteúdos trabalhados e por projetos desenvolvidos os quais elas já conheciam. É significativo, pois as alunas tiveram um período curto de convivência presencial com professores e professoras e colegas nesse ambiente de educação pública, contudo já mencionam isso positivamente em variados momentos. Esse é um indício importante que

reitera como articulações e formulações da escola são extremamente relevantes. No questionário sociocultural as participantes revelam pouco acesso a aparelhos culturais (teatro, cinema, exposições), muitas vezes a escola é ainda se constitui como maior facilitador para esse contato. Retomamos as bases lançadas por Freire em sua obra *Ação cultural para liberdade e outros escritos* em que o autor nos propõe uma educação genuína, posicionada, compromissada com os oprimidos e oprimidas, que realmente potencialize a expressividade dos sujeitos, independentemente do nível em que ela se dê. Educação, Escola e Cultura não é, nem pretende ser, um viés homogêneo na formação identitária dos sujeitos, contudo, esse é o chamamento a refletirmos como nós educadores dimensionamos e trabalhamos essas interfaces para desenvolvimento, construção e efetivação de um mundo mais justo e humano

Palavras-chave: Mulheres negras. Jovens estudantes. Baixada Fluminense. Portfólios.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986b. (Obras Escolhidas, v. 1).

CUNHA, Verônica. **Coração em Palavras.** 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Conexão 7, 2019.

FREITAS, F. **A constituição da identidade docente: discutindo prática no processo de formação.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2006. p. 144

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guaracira Lopez Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2.Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Da Diáspora: Identidades e mediações Culturais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 112 p. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018



SÁ-CHAVES, Idália. **Os “Portfólios” Reflexivos (também) trazem gente dentro.** Porto: Porto Editora, 2005.